

O MSPT

Político de celebrada sagacidade, dos mais argutos que conheci, meu velho e saudoso amigo Magalhães Pinto costumava repetir, na toada da sabedoria mineira e em formato de adágio, que "acordo nos negócios e na política, para ser bom, tem que ser bom para os dois". Desfiava exemplos de acertos apalavrados com excesso de esperteza de um lado e de boa fé do outro e que, descoberto o logro, terminavam gerando brigas feias, inimizades rancorosas que levavam famílias a se engalfinharem nas antigas rixas provincianas. Não raro com o saldo trágico de algumas cruces no cemitério.

O que me levou a ralar a memória para relembrear caso e personagem cobertos pela fina poeira do tempo foi o episódio recente do apoio oficial do Movimento dos Sem Terra à candidatura de Lula, com o carimbo público da entusiasmada assembléia realizada em Vitória, presença de delegações de todos os estados e mais a receita de praxe dos discursos, propostas, aplausos, centenas de bandeirolas e estandartes vermelhos agitados ao compasso dos slogans puxados pelas lideranças.

No embalo do reformismo radical, Lula e o MST inspiraram-se na esperteza de quem acumulou experiência, erros e acertos em longa vida pública. Só que virando pelo avesso: o engajamento do MST à campanha de Lula é ruim para os dois.

E nem mesmo se alegue que o candidato, nas atuais dificuldades para emplacar, patina no escorregadio de contradições – o que diz na véspera já não vale hoje –, e cata adesões sem examinar a folha corrida, qualquer apoio é bem-vindo. No caso, o MST e Lula não se beneficiaram da amarga lição de 89. Ou, para ser mais exato, Lula enterrou a advertência na cova rasa das suas aperturas. Na fossa da primeira derrota contra Fernando Collor, o guru do PT analisava as muitas explicações para o insucesso debitando parcela considerável ao malsinado apoio do MST, especialmente na reta decisiva do segundo turno, quando invadiu os palanques entoando os seus gritos de guerra e afugentando a classe média que se bandeou em massa para o outro lado, arrastando o voto popular.

Duas campanhas depois, o erro é ainda mais clamoroso. Não há clima nem conveniência tática em ressuscitar o radicalismo ideológico. Para quê? Os votos do MST são de Lula e até onde a vista alcança não há sinal de risco de que pulem o muro para cair nas urnas da reeleição de Fernando Henrique. Lula, portanto, não está faturando nada. O ensaio de polarização ideológica anula a perspectiva tática de forçar o racha – governo contra oposição – que era a chance de Lula ocupar um dos lados no *mano a mano* do sonhado segundo turno.

Na medida em que espanta e assusta a classe média com a escalada das invasões, agendada e em execução, o apoio do MST desclassifica Lula e abre espaço para a ambição dos candidatos que correm por fora, esperando a hora de arriscar a atropelada.

Para o MST, o desastre é dramático. Integrado oficialmente na campanha do PT, renuncia aos requisitos mínimos de confiabilidade para dialogar com o governo. Não mais se trata de organização empenhada na reforma agrária e em assentar os milhões de sem terra que conduz para onde quer.

Tudo que o MST fizer daqui por diante será manchado pela suspeição de um lance de campanha, de jogada eleitoral com a carta marcada do prévio conchavo com o candidato. Se ativar as invasões será justa a desconfiança de que não está brigando por terra. Mas, por votos para Lula. Pior se suspender as invasões às vésperas da eleição. Claro, só poderá ser para ajudar a eleição de Lula.

O pior dos acordos. Descaracterizou o MST que virou uma ala do PT: o MSPT.

Ruim para os dois: fez de Lula e do MST uma dupla de suspeitos.